



O MITO DO HERÓI ATLETA, 20 ANOS DEPOIS: SUA ATUALIDADE EM UM MUNDO DIGITAL

Resumo - Após 20 anos da publicação do livro “O Atleta e o Mito do Herói”, de Katia Rubio, diversas mudanças ocorreram na mídia e no mundo esportivo. A expansão das redes sociais, por exemplo, passou a exercer grande influência na vida pessoal e na carreira dos atletas, apresentando novas oportunidades e desafios. Porém, o atleta ainda vive sua jornada do herói, apenas com novos elementos, trazidos pelas mudanças midiáticas, sociais e mercadológicas. Este artigo apresenta determinadas ideias e símbolos que, desde a Antiguidade grega, auxiliam a compreender a batalha pessoal do atleta, inclusive atualmente. Mais especificamente, traz reflexões sobre os antigos conceitos de autodomínio, da busca por equilíbrio nas virtudes e sobre Hércules lutando com a serpente enquanto símbolo da luta do atleta contra os desafios exteriores e, sobretudo, interiores. A partir disso, são comentados exemplos dos novos desafios dos atletas no séc. XXI, especialmente aqueles relacionados à mídia digital e as mudanças recentes no mercado esportivo. Vale ressaltar o quanto a obra de Katia Rubio representa um marco histórico, responsável por resgatar o entendimento sobre a jornada do herói a fim de interpretar os desafios vivenciados na carreira esportiva, e estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente. Como essa jornada e seus desafios permanecem, apesar das mudanças contextuais, as contribuições do livro seguem, também, atuais e relevantes para compreender e auxiliar o atleta em sua carreira e vida pessoal. Essas ideias podem guiar e facilitar, por exemplo, o trabalho individual ou coletivo realizado com os atletas na área da Psicologia do Esporte.

Palavras-chave: psicologia do esporte; mitologia; jornada do herói.

THE HERO ATHLETE'S MYTH, 20 YEARS LATER: ON ITS CURRENCY IN A DIGITAL WORLD

Abstract – After 20 years since the publication of Katia Rubio's book “O Atleta e o Mito do Herói”, several changes have occurred in the media and in the sports world. The expansion of social media, for example, became a great influence on the athlete's personal life and career, presenting new opportunities, but also new challenges. However, the athlete still lives his hero's journey, with only new elements, brought by the media and by social and market changes. This article presents certain ideas and symbols that, since the Ancient Greek, help us to understand the athlete's personal battle, even today. More specifically, it brings reflections on the old concepts of self-control, the search for balance in virtues and on Heracles fighting against the snake as a symbol of the athlete's struggle against external and, above all, interior challenges. From this, examples of the new challenges of athletes in the XXI century are commented, especially those related to social media and the recent changes in the sports market. It is worth mentioning how much Katia Rubio's work represents a historical landmark, responsible for recovering the understanding of the hero's journey to interpret the challenges experienced in the sports career and establishing a bridge between the past and the present. As this journey and its challenges remain, despite the contextual changes, the book's contributions remain current and relevant to understand and assist the athlete in his career and personal life. These ideas can guide and facilitate, for example, individual or collective work carried out with athletes in the field of Sport Psychology.

Keywords: sports psychology; mythology; hero's journey.

EL MITO DEL ATLETA HÉROE, 20 AÑOS DESPUÉS: SU ACTUALIDAD EN UN MUNDO DIGITAL

Resumen - Después de 20 años tras publicar el libro “El Atleta y el Mito del Héroe”, de Katia Rubio, se han producido muchos cambios en los medios y en el mundo del deporte. La expansión de las redes sociales, por ejemplo, comenzó a ejercer una gran influencia en la vida personal y la carrera de los deportistas, presentando nuevas oportunidades y también retos. Sin embargo, el atleta aún vive su viaje de héroe, con solo elementos nuevos, inducidos por los cambios en los medios, las redes sociales y el mercado. Este artículo presenta ideas y símbolos que, desde la antigüedad griega, ayudan a comprender la batalla personal del deportista, incluso hoy. Más concretamente, trae reflexiones sobre los viejos conceptos del autocontrol, la búsqueda del equilibrio en las virtudes y sobre Hércules luchando con la serpiente como símbolo de la lucha del deportista frente a los retos externos y, sobre todo, interiores. A partir de esto, se comentan ejemplos de los nuevos retos de los deportistas en el siglo XXI, especialmente las relacionadas con los medios digitales y los cambios recientes en el mercado deportivo. Cabe mencionar hasta qué punto la obra de Katia Rubio representa un hito histórico, responsable de recuperar la comprensión del viaje del héroe para interpretar los retos vividos en la carrera deportiva, y establecer un puente entre el pasado y el presente. Como este viaje y sus desafíos persisten, a pesar de los cambios contextuales, las contribuciones del libro también son actuales y relevantes para comprender y ayudar al atleta en su carrera y vida personal. Estas ideas pueden orientar y facilitar, por ejemplo, el trabajo individual o colectivo realizado con deportistas en el ámbito de la Psicología del Deporte.

Palabras-clave: psicología del deporte; mitología; viaje del héroe.

Mauricio Pinto Marques

mauriciopmarques@gmail.com

Mikael Almeida Corrêa

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id126>

Recebido: 26 mai 2021

Aceito: 29 mai 2021

Publicado: 02 jul 2021

Introdução

O ano de 2021 traz o aniversário de 20 anos de “O atleta e o mito do herói”¹, obra de Katia Rubio e um clássico nas prateleiras da literatura esportiva brasileira. Como parte da celebração da recente segunda edição e merecido reconhecimento da sua contribuição à Psicologia do Esporte brasileira, buscamos trazer a luz ecos do que encontramos em nossas práticas na clínica com atletas nos últimos anos. O mito do herói não só segue atual no esporte, como se reapresenta de diversas novas formas na vida de praticantes de atividade física, em especial na hiper conectada contemporaneidade.

A obra construída no final dos anos 90, e desvelada na tão esperada ‘virada do milênio’, ganha novas cores com a advento da internet, popularizada justamente neste ínterim de 20 anos entre primeira e segunda edições. Escrita no fim de uma era analógica, a tese de doutorado da autora “O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói”², em que se baseia o livro, não pereceu aos vertiginosos avanços tecnológicos que vivenciamos desde que a internet discada saiu dos computadores pessoais até os *smartphones*. Hoje eles estão nas mãos de aproximadamente quatro a cada cinco brasileiros, segundo o IBGE apurou na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua em 2018³.

Para entendermos o esporte atual, o livro repassa conceitos clássicos e fundamentais da história grega, que vão desde os Jogos Olímpicos da Antiguidade, a mitologia e seus personagens, com ênfase na figura do herói. Avançando para a Modernidade, discorre para a criação e desenvolvimento dos Jogos Olímpicos atuais, sempre dialogando com o trajeto heroico conforme apresentado por Joseph Campbell⁴, nos convida a compreender como socialmente se constitui o imaginário que temos sobre os atletas profissionais. A tudo isso se somam o arquétipo junguiano do herói e o regime de imagens de Durand⁵, que se materializam quando teoria e prática se fundem no cerne da tese doutoral de Rubio², em que são analisadas todas as fases que constituem a carreira esportiva: Iniciação, ingresso, profissionalização, afastamento e recolhimento. Isto só é possível com ricos relatos dos participantes da pesquisa, atletas de distintas idades e modalidades, que naquele momento viviam as fases descritas compartilhando suas histórias.

Destaca-se ainda a importância histórica da tese² e livro¹ de Rubio para o Olimpismo brasileiro, pois representam o ponto de partida do que se tornou o Centro de

Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo - USP, que nas últimas duas décadas colhe memórias e relatos da quase totalidade de atletas olímpicos brasileiros, com suas subjetividades, expondo, ao mesmo tempo, sua humanidade e heroísmo. Um legítimo museu intelectual da nossa cultura esportiva, finalmente preservada a cada pesquisa, artigo, capítulo ou livro produzidos desde então.

A seguir, movidos pelo exemplo do livro de Rubio¹, visitaremos alguns aspectos da Antiguidade, e refletiremos sobre o quanto esses aspectos também não pereceram e seguem nos dando elementos para compreender o mundo pessoal e social do atleta, por exemplo, na realização do trabalho psicológico no contexto esportivo. A razão disso é que tais elementos são perenes, referem-se à natureza do ser humano e às ações humanas - de modo que as ideias dedicadas a eles nunca deixam de ser atuais, como acontece com a obra que comemoramos aqui.

A batalha pessoal do atleta

Ao integrar a figura do atleta, os mitos e a filosofia grega, podemos perceber que a empreitada esportiva se assemelha a uma batalha, que se dá em diferentes níveis, e que embora mude conforme mudam os tempos, mantém sua essência nas diferentes épocas. Podemos dizer que o esporte na Grécia Antiga era cenário não apenas de um desenvolvimento físico dos indivíduos, mas também de um desenvolvimento moral⁶. Esse esporte era considerado (como o esporte moderno também pode ser, em certo sentido) um meio para exercitar as virtudes e faculdades humanas. Este entendimento pode parecer óbvio atualmente, no século XXI, mas não nos pareceria assim, caso o acesso a essa grande herança da civilização não fosse preservada (e muito dela, de fato, não foi). Vale destacar, principalmente, a constatação dos antigos gregos de que o humano é um ser dotado de intelecto e razão, de modo que nenhum dos seus atos ocorrem alheios a essa inevitável condição.

Nesse sentido, torna-se claro um certo olhar sobre esse esporte, que não pode ser entendido como um fenômeno única e exclusivamente ‘corporal’, como se houvesse uma cisão entre as dimensões deste ser enquanto ele pratica o esporte, e estivesse apenas o seu *soma* (corpo) ali presente, sem a participação de sua *psyché* (psique, alma). É curioso observar o quanto essa realidade é compreensível para qualquer praticante, entusiasta ou

profissional, que conhece pela experiência direta o quanto a sua psique ‘entra no jogo’ - e o quanto o jogo fica mais difícil se ela não está bem-disposta para entrar.

Portanto, este esporte antigo não teria como ser apenas uma escola para o corpo, sem ser também uma escola para a psique. Entre as muitas virtudes humanas que eram buscadas pelos antigos gregos, está a capacidade de autarquia⁷ – que pode ser descrita como um estado de ‘não dependência’, de bastar-se a si mesmo, por não lhe haver necessidades, dado o seu grande domínio sobre essas necessidades. O indivíduo que pretendesse crescer em sabedoria e habilidade, então, deveria desenvolver sua autarquia, de forma análoga ao herói Hércules (Hércules) - símbolo máximo da autarquia - que, sem depender de quase nada além de sua força heroica, vencida as feras e monstros ao longo dos seus Doze Trabalhos.

Analogamente, o desenvolvimento pessoal do atleta implicaria ter autarquia para dominar as ‘feras e monstros’ da vida, de modo que elas não gerem necessidades, conflitos ou aflições. Há feras e monstros que surgem na forma de desafios técnicos, de mudanças que causam medo, ou como um adversário muito habilidoso etc. Mas, como esse esporte é também vivenciado pela psique, essas feras e monstros são, também, interiores. E, para ser fiel à analogia, essas feras interiores também precisariam ser dominadas. Podemos dizer que o atleta, então, ousa ser como um ‘Hércules da vida interior’.

Para melhor ilustrar esse entendimento, podemos observar a escultura de Hércules lutando contra o deus-rio Aqueloo transformado em serpente, feita por François Joseph Bosio (1768-1845), hoje presente no Museu do Louvre (Paris, França). Ela mostra o herói interrompendo o ataque da serpente com a mão esquerda, e prestes a desferir um golpe com pedra com a mão direita - ou seja, retrata a força física heroica. Mas, se essa fera é interpretada como uma ‘serpente interior’, esta imagem torna-se um símbolo do domínio sobre o ataque das ‘feras e monstros’ oriundos da própria psique, exigindo então do herói-atleta também uma ‘força psíquica heroica’.

Figura 1 - Retrato da escultura de François Joseph Bosio.



Fonte: Museu do Louvre (Paris, França). Autor: Nicolas von Kospoth (2005). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hercule_Bosio_Louvre_LL325-3.jpg

O atleta, que busca desenvolver força e capacidade físicas simbolicamente ‘heroicas’, trava, ao mesmo tempo, uma batalha para desenvolver uma ‘força psíquica heroica’. O seu treino de ascese não se dá somente no aspecto corporal - o domínio do corpo - e se torna também uma batalha para um autodomínio psicológico. Esse seria o seu exercício do autodomínio - para os gregos, a chamada *enkrateia* (no poder de si mesmo) - que recebe muita atenção no diálogo socrático *Memoráveis*⁸, relatado por Xenofonte (430 a.C. - 354 a.C.). A *enkrateia* foi extensamente explorada, por exemplo, pelos filósofos cínicos, por meio de suas práticas de ascese corporal extrema. Foi também muito explorada entre os filósofos estoicos – sendo esses menos radicais nas práticas de ascese, mas preocupados, principalmente, com o domínio das ‘paixões da alma’. Este domínio sobre as paixões (*pathos* = sofrimento, afeto) permitiria ao indivíduo alcançar o predomínio da razão e das virtudes. No limite, este indivíduo atingiria o estado de *apatheia* (‘ausência de paixão’), que pode ser entendido como uma espécie de ideal utópico dos antigos estoicos.

Para seguir com o símbolo de Hércules lutando com o Aqueloo-serpente, pode se dizer que a ‘serpente interior’ é um símbolo das paixões da alma. O medo, a ansiedade, a tristeza, a raiva e até mesmo o padecer por amor podem ser incluídos no grande conjunto

dessas paixões. Foi partindo desse conceito que Claudio Galeno (129-217) – não por acaso, médico do imperador estoico Marco Aurélio (121-180) - desenvolveu sua terapêutica para diagnosticar e tratar nos indivíduos as paixões exacerbadas da alma⁹. Esse talvez seja o primeiro protótipo de uma terapêutica da psique, que já apresentava elementos em comum com o *setting* das psicoterapias modernas^{10,11}.

O atleta, então, embarca nessa busca pelo autodomínio de um Hércules, lutando contra as suas paixões da alma como quem luta contra uma serpente. Mas, uma vez que as emoções intensas estão entre essas paixões, seria adequado assumir que essa batalha esportiva visa o ideal estoico de *apatheia*? Acaso a batalha esportiva não é, ela mesma, movida por uma grande paixão, ao invés de rumar ao estado de ‘ausência de paixão’? Em outras palavras, não se pretende nessa luta matar as serpentes interiores, até que, utopicamente, não haja mais nem uma. Diferente disso, busca-se a regulação e equilíbrio dessas paixões, como quem encanta essas serpentes com o som da flauta. Uma integração das paixões com a razão e o intelecto, rumo a um ideal que dá sentido à vida.

Mas essa ideia de equilíbrio como caminho para as virtudes, então, nos aproxima menos da *apatheia* estoica e mais da busca pela ‘felicidade eudaimônica’ conforme proposta por Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), principalmente em sua *Ética a Nicômaco*¹². Essa felicidade eudaimônica implica uma busca do indivíduo pelo seu ‘verdadeiro eu’ e o desenvolvimento excelente das potencialidades humanas¹³. Assim, podemos entender a maestria no esporte como um meio para cultivar a potencialidade humana e a justa medida no exercício das virtudes (que exige, é claro, uma justa medida das paixões). Atualmente, o ideal do equilíbrio aristotélico nos parece não apenas mais exequível e realista, como também mais sensato e saudável - inclusive porque, por mais que o atleta busque a superação de si e domínio de suas serpentes, ele não é um semideus como Hércules.

A ideia de que o esporte é uma forma de ascese e superação de si também foi proposta por Viktor E. Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia¹⁴. Em um simpósio promovido pelo comitê dos Jogos Olímpicos de Munique (1972), Frankl¹⁴ ressaltou que o ser humano não pode se esmagar em uma tensão gigantesca (exemplo nosso: a ascese extrema dos filósofos cínicos) mas, ao mesmo tempo, precisa de tensões - inclusive, ao ponto de criá-las, deliberadamente. Essa forma de ‘tensão sadia’ se dá entre nós e aquilo que nos dá sentido e que buscamos na vida, através de tarefas significativas. Para o autor,

o esporte é um exemplo dessas tensões criadas - uma tarefa significativa, na qual a verdadeira competição é consigo mesmo, e não com o adversário. Nos seus termos, o esporte é uma ‘ascese secular’. Ou seja, Frankl¹⁴ enxerga o esporte não tanto como um substituto das guerras (i.e., vencer o outro), mas sim um substituto da antiga ascese (i.e., vencer a si mesmo).

Essa sucinta revisão de ideais e símbolos nos oferece ferramentas úteis para interpretar os desafios e ambições dos atletas contemporâneos, por exemplo, quando essas questões são trazidas para o contexto clínico, ou mesmo quando observamos o cenário atual do mundo esportivo. A seguir, serão expostas algumas situações em que podemos perceber esses mesmos movimentos por parte do herói-atleta em sua batalha pessoal - na qual, atualmente, acrescentam-se as novas feras e monstros do mundo digital e do mercado esportivo.

O atleta e as batalhas do século XXI

Rubio¹ nos traz que o imaginário esportivo se dá entre o público e o privado, e que a Modernidade trata da identidade em conjunto com a ‘impossibilidade de permanecer fixo’, do movimento como principal característica. Essa é uma propriedade que acelerou e se tornou ainda mais presente e cotidiana com a dinâmica das mudanças das redes sociais. Nelas são criados modelos, desafios, danças etc. que acabam por pautar as participações nessas redes, e são geralmente disseminadas por cantores populares e esportistas.

Hoje, os atletas são tão *pop* quanto artistas do ramo musical ou do cinema – em grande parte, devido a sua presença digital - de modo que a propaganda televisiva do último Campeonato Nacional de Vôlei se deu com coreografias da rede social do momento, assim como no futebol nos acostumamos a ver comemoração de gols com passos de dança. No Brasil, essa mistura é mais nítida com a participação de atletas em videoclipes de músicos lançados nas plataformas digitais. Esse fenômeno teve seu ápice, provavelmente, em 2011, quando o jogador Cristiano Ronaldo comemorou um gol pelo Real Madrid dançando a música ‘Ai se eu te pego’ interpretada pelo artista brasileiro Michel Teló. A música, quase que instantaneamente, virou um hit mundial e, segundo o próprio artista, mudou sua vida. Esse fenômeno também torna evidente a mundialização

da indústria cultural, citada pela autora já em 2001, pois se ocidentaliza o consumo mundial, independentemente das diferenças socioculturais e geográficas.

Hoje os atletas mais bem pagos do mundo ganham mais com a sua imagem que com o próprio esporte. No princípio dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, os esportistas não podiam se profissionalizar, precisavam se manter amadores para competir. Hoje, os jogos movimentam bilhões e lucram com a presença dos maiores do mundo em diversas modalidades. Se Oscar Schmidt abdicou de jogar na liga de basquete dos Estados Unidos, a NBA, para permanecer na seleção brasileira, desde os jogos de Barcelona uma das maiores atrações é a presença do *Dream Team*, o time dos sonhos formado pelas estrelas norte-americanas do campeonato.

As cifras milionárias movimentadas nos esportes têm trazido inversões nunca imaginadas antigamente. O astro do basquete LeBron James é acionista do time de futebol do Liverpool e de beisebol do Boston Red Sox. O jogador Neymar, quando contratado pelo francês Paris Saint-Germain (PSG), tinha mais seguidores em suas redes sociais que o clube, de modo que sua contratação acabou impulsionando a marca. Clube esse, aliás, que tem uniforme produzido pela empresa Nike, mas que apresenta em algumas coleções seu famoso símbolo substituído pelo de sua subdivisão ‘Air Jordan’, ou seja, a marca de um jogador de basquete no uniforme de um clube de futebol.

Se antes a performance atlética e títulos era o que causava maior admiração dos jovens em seus ídolos, que queriam atuar como eles, hoje, a inspiração vai além. No trabalho clínico com crianças e adolescentes que jogam futebol, quando definimos metas e objetivos de carreira, escutamos diversas vezes ‘quero um patrô (patrocínio) Nike ou Adidas (sic)’. Mais do que salário, o reconhecimento público e o alcance da imagem pessoal faz parte do imaginário de ser atleta. O alcance da imagem pessoal em larga escala, facilitado pelas redes sociais, é como um novo superpoder do herói, mas que traz consigo ainda outra carga de responsabilidade pessoal. Essas são as novas grandes serpentes, interiores e exteriores, a serem manejadas pelo atleta contemporâneo.

Rubio¹ comenta que

A necessidade de incorporar o mito e, mais especificamente, o herói nesse trabalho, se deve em grande medida ao fato de atualmente esse modelo de 'personalidade' ser querido, respeitado e utilizado como referencial de projeção de alguém, que mesmo tendo enfrentado as mais duras provas e os piores inimigos traz consigo a marca da vitória (p.69).

O atleta enquanto herói vende para o público (e para marcas) a imagem de saúde e força, um modelo a ser seguido. Desta maneira, muitas pessoas comuns (i.e., praticantes recreativos e não profissionais de algum esporte ou atividade física) hoje têm rotinas de alimentação e treinos muito parecidos com os de atletas, apenas para parecerem atletas. Assim, o ideal do ‘ser atleta’ torna-se um *life style* que alcança proporções massivas. Aparentemente, a maior proximidade dos atletas com o público, por meio das redes sociais, fez com que o próprio público deseje se aproximar dos atletas, tornando-se semelhante a eles, em uma espécie de desejo mimético de querer ao menos ‘vestir a capa’ do herói admirado. O chamado mundo *fitness* contrata atletas para vender produtos que supostamente eles usaram para alcançar sua estética – produtos esses que já não são de consumo exclusivo de atletas profissionais, e se tornaram de consumo popular nas últimas décadas (por exemplo, com o crescimento disruptivo do mercado de suplementos alimentares e de utensílios esportivos).

No seu livro de 2001, Rubio¹ fala ainda que

Se por um lado sua condição de atleta diferenciou-o de uma grande parcela da população, permitindo que goze de privilégios reservados a poucos, por outro essa mesma condição o faz amargar isolamento e distanciamento de situações vividas por semelhantes. E essa é uma das condições vividas pelo herói arquetípico (p. 89).

Contudo, em uma sociedade em que os contratos de publicidade incitam que os patrocinados exponham suas vidas, isso cria um dilema. Ao mesmo tempo que isso aproxima mais o atleta de seu público, também acentua a necessidade de um outro tipo de autodomínio: o da tensão e vigilância sobre os seus próprios atos e opiniões, que estão suscetíveis tanto à adesão em massa, quanto à uma rejeição em massa (o chamado ‘cancelamento’, no jargão popular atual). Assim, a dança que se faz em corda bamba entre a adesão massiva e o ‘cancelamento’ massiva é, talvez, a serpente mais delicada de se lidar para o herói atleta da atualidade, que se encontra constantemente exposto.

Se antes a vigilância era feita pelos poucos órgãos de imprensa, hoje pode ser realizada por qualquer ‘seguidor’. Essa é mais uma forma aproximação entre o mundo do público e o mundo atleta. Se, de um lado, o atleta está em contato mais direto com o reforço vindo do público (no papel de aliados da jornada do herói), de outro lado, está também mais suscetível a julgamento e cobrança, por exemplo, por demonstrar uma conduta que não seja entendida como condizente com um atleta profissional, sejam

confraternizações, bebidas, comidas etc. É como se fosse preciso prestar contas públicas diariamente – e, agora, o atleta gerencia o seu próprio ‘conteúdo midiático’, quando posta sobre si, e não depende tanto da mídia tradicional, que teve a televisão como principal disseminador no processo de globalização. Entretanto, o imaginário individual segue sustentado no coletivo e se renovando a partir dos feitos individuais, como observou Rubio¹.

A necessidade de perfeição, de algo divino, como Rubio¹ salientou, segue sendo um dilema para os heróis atletas modernos, na busca pela impossível perfeição. Nas redes sociais, esse ideal é também disseminado por meio de um ideal de corpo, muitas vezes conquistado por não-atletas com cirurgias plásticas. Por outro lado, a vulnerabilidade também tem espaço na nova mídia (inclusive, mais espaço que outrora tinha na mídia tradicional). Observa-se, por exemplo, séries com bastidores de equipes ou documentários de atletas com uma visão menos romantizada, que acabam por fazer um contraponto interessante. E quem melhor para representar o aspecto humano do ‘herói semideus’ que Michael Phelps? O maior atleta olímpico da história, com 28 medalhas (23 de ouro) hoje é um defensor da saúde mental, após relatar ter sofrido de depressão e até pensado em suicídio após os jogos de Londres em 2012. Retomando e atualizando a conclusão de Rubio¹: “a razão da existência do herói [ainda]* é a luta (p. 244)”.

Conclusão

Com o livro ‘O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo’¹, Katia Rubio abriu os caminhos para ponderar a trajetória de atletas olímpicos brasileiros. Na obra, Rubio¹ resgata memórias que se entrelaçam em uma análise sócio-histórica, mitológica e antropológica, apresentando um novo método para a escuta e compreensão destes personagens – e vale ressaltar a importante aplicabilidade dessa chave interpretativa no trabalho da Psicologia do Esporte. A partir daí, seu grupo de estudos foi sendo formado e vêm resgatando e registrando a história de centenas de atletas, olhares subjetivos da própria história do esporte do Brasil. Trabalho tão importante para dar visibilidade às poucas informações que tínhamos acesso de um grupo tão grande de pessoas, hoje nos deparamos com seu oposto, com o grande volume de informação que cada pessoa gera sobre si mesma, ao estar constantemente exposta nas redes.

* Entre colchetes, adicionado pelos autores.

Atualmente a fama traz mais reconhecimento, visibilidade, remuneração, mas também vigilância e cobrança. A jornada de cada herói esportivo pode ser mais facilmente acessada, e inclusive acompanhada de diversos pontos de vista, desde a mídia especializada, geral, popular, ou inclusive familiar ou pessoal. Em meio a isso, convém resgatar outros preceitos dos filósofos estoicos (menos utópicos que o estado de completa *apatheia*), como a prática da *prosoché*¹⁵, que se refere à autoconsciência e uma atenção focada sobre aquilo que é essencial – um tremendo desafio em uma era hiper conectada e com excesso de informação. Bem como os exercícios diários de *mneme* e *melete* - lembrar e meditar – tanto sobre a sua jornada e quanto sobre os seus propósitos de vida. Para certas serpentes, essas ferramentas podem ser até mais importantes para Hércules do que pedras e paus. O autoconhecimento permanece atual e necessário para lidar com as serpentes interiores e exteriores, pois é um processo que não se torna obsoleto com as mudanças dos tempos. Ao contrário, talvez se torne cada vez mais necessário.

Com isso em vista, contribuições que auxiliam a compreender o mundo esportivo e as trajetórias dos atletas neste mundo se tornam ferramentas com potencial terapêutico. São auxílios ao indispensável processo de autoconhecimento, o qual se busca no trabalho da Psicologia do Esporte, seja individual ou coletivamente. E é justamente esse tipo de contribuição que encontramos neste livro, que agora completa duas décadas de jornada heroica, e que permanece atual, mesmo em meio às mudanças céleres que ocorrem na mídia e no mercado esportivo nessas décadas.

Referências

- 1 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 2 Rubio K. O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói. São Paulo. Tese [Doutorado em Educação]. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2001.
- 3 IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua. IBGE; 2018.
- 4 Campbell J. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix; 1989.
- 5 Durand G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*. 1987;11(1/2): 243-273.
- 6 Marrou H. História da educação na Antiguidade. Brasília: Kíron; 2017.
- 7 Werner, J. Paideia - A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes; 2013.
- 8 Xenofonte. Memoráveis. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; 2009.

9 Galenus, C. *On the passions and errors of the soul*. Columbus: Ohio State University Press; 1963.

10 Robertson, D. *Pense como um imperador*. Porto Alegre: Citadel; 2019.

11 Robertson, D. *The philosophy of Cognitive-Behavioural Therapy (CBT) - Stoic Philosophy as Rational and Cognitive Psychotherapy*. London: Carnac; 2010.

12 Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro; 2014.

13 Ryff CD, Singer BH, Love GD. Positive health: connecting well-being with biology. *Philosophical Transactions of the Royal Society B. Biological Sciences*. 2004; 359(1449): 1383–1394.

14 Frankl EV. *O sofrimento humano - Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações; 2019.

15 Hadot P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações; 2014.